

João Escoto Erígena: razão em função da fé

John Scotus Eriugena: reason based on faith

JULIANA TIBERIO¹

Resumo: Neste texto abordarei a relação entre a razão e a fé, mostrando como, para João Escoto Erígena, a fé é a condição para a inteligência. Em seguida, ver-se-á o modo pelo qual distingue entre autoridade humana e autoridade divina.

Palavras-chave: Escoto Erígena. *Ratio*. *Fides*. Deus. Criação.

Abstract: In this text I will discuss the relationship between reason and faith, showing how, for John Scotus Eriugena, faith is the condition for intelligence. Then one will see the way in which he distinguishes between human authority and divine authority.

Keywords: Scotus Eriugena. *Ratio*. *Fides*. God. Creation.

Contexto inicial

João Escoto Erígena é considerado um autor fundamental para a história da filosofia medieval. Foi um importante filósofo do Renascimento Carolíngio, e possuía conhecimentos de obras gregas e latinas. Nascido por volta de 800 e 815 na Irlanda, Escoto Erígena é considerado o criador da ponte entre os Padres gregos e os teólogos e filósofos da Idade Média. Entre algumas de suas principais obras constam o tratado “*Sobre a divisão da natureza*” e a “*Exposição sobre a hierarquia Celeste de São Dionísio*”. Ele também foi conhecido por ter traduzido do grego obras de Pseudo-Dionísio e de Gregório de Nisa. Na realidade, a maior influência sobre Escoto Erígena foi do autor grego Pseudo-Dionísio. Baseando-se nele dedicou a vida a desenvolver o seu próprio pensamento, tendo em vista que até hoje pode ser difícil, em algumas ocasiões, distinguir quais pensamentos pertencem propriamente a pensador Escoto Erígena, já que ele não fez senão repropor o pensamento de Pseudo-Dionísio.

No final, porém, da Era Carolíngia caiu uma censura sobre Erígena de parte da autoridade eclesiástica, fazendo com que suas obras fossem esquecidas. Por isso algumas referências ao pensador Pseudo-Dionísio tornam possível recuperar linhas centrais de seu pensamento. Para ele, o centro das reflexões está em Deus, cujo conhecimento começa com o caminho positivo e termina com o caminho negativo. Caminho positivo, significa: consiste em atribuir a Deus as perfeições simples das criaturas. Caminho negativo: consiste em negar essas mesmas perfeições. Ou, nas palavras do autor, essas negações devem ser entendidas no sentido de transcendência, e não no de privação. Em Dionísio, a teologia afirmativa é completada pela teologia negativa, que é o fundamento ou a forma inicial da *Via eminentiae* ou *Via excellentiae*, de que falavam os escolásticos. Para além de todo conceito ou

¹ Graduanda formanda do Curso de Filosofia na UNIOESTE. E-mail: juh_ana_gt@hotmail.com

conhecimento humano, Deus é supra-ser, supra-substância, supra-bondade, supra-vida e supra-espírito. Basicamente, para Escoto Erígena a verdadeira filosofia é a verdadeira religião, sendo que a razão nunca deve prevalecer sobre a fé, devendo elas antes caminhar juntas.

João Escoto Erígena, seguindo a linha de pensamento de Santo Agostinho e aproximando-se de um platonismo radical, é contestado por manter objetivos sempre ortodoxos. No *De divisione naturae*, a principal obra de Escoto Erígena, ele afirma que o estudo da natureza deve ser realizado através de um movimento duplo: na “divisão” do universal ao particular, e na “análise” do particular ao universal. Esse movimento acontece porque os seres individuais são concebidos hierarquicamente desde os gêneros universais, portanto, os gêneros nascem das ideias, e os subgêneros, as espécies e as substancias individuais nascem dos gêneros. Esta obra desenvolve uma reflexão teológica e espiritual, cujo objetivo é continuar buscando a verdade, até que não se alcance uma experiência da adoração silenciosa de Deus.

A obra compõe-se de cinco livros na forma de diálogo, podendo ser dividida em quatro etapas: a) Natureza que não é criada, mas cria: é Deus, pois ele é incriável, mas é o criador de tudo e de todos. Só pode se chamar de criatura sua primeira manifestação, que é conhecida como *Logos*, que não é determinada no tempo e no espaço; b) Natureza que é criada e cria: É *Logos*, e é onde estão contidas os elementos primordiais de todas as coisas. Trata-se de todas as ideias de Deus, chamadas também de vontades divinas. As coisas que estão contidas no espaço e no tempo são inferiores à criação; c) Natureza que é criada e não cria: é o mundo que é criado no tempo e no espaço, mas não cria outras coisas; d) Natureza que não é criada e não cria: É Deus como termo final de tudo. O quinto livro fala sobre o retorno. O tempo entre a origem e o retorno é marcado pelo homem por levar tudo a Deus. Ao reencarnar o Filho de Deus mostrou o caminho para o retorno. Por isso a reencarnação de Deus é um fato natural e ao mesmo tempo sobrenatural, filosófico e teológico.

Para compreender a relação entre a fé e a razão é necessário entender aqui que a sede de saber é algo inato do ser humano, só que, antes da vinda de Cristo, os homens ignoravam a maneira de satisfazer esta sede, tendo acesso por isso apenas à fonte da razão natural. Após a encarnação de Cristo a razão deixou de ser o único meio para o conhecimento; deste modo os homens começaram a usar a fé para obter as respostas. Na medida em que nenhuma autoridade deve afastar o homem das coisas que são ensinadas pela reta razão, com efeito, nem por isso a verdadeira autoridade (a da fé) se opõe à reta razão, pois ambas derivam de uma única fonte, isto é, da sabedoria divina – a palavra de Deus é indiscutível e devemos aceitá-la pela fé.

Pelo fato de Deus só dizer a verdade, Escoto Erígena está convencido de que a autoridade e a razão nunca podem entrar em contradição. Após esta perspectiva escreve ele: “Qualquer tipo de autoridade que não estiver confirmada por uma verdadeira razão, deveria ser considerada como fraca... Só é verdadeira autoridade

aquela que coincide com a verdade descoberta em virtude da razão, ainda que se trate de uma autoridade recomendada e transmitida para utilidade das posteriores gerações pelos santos padres” (I, PL 122, col 513BC). Neste trecho, Erígena contribui para a investigação lógico-filosófica em um contexto teológico. A autoridade humana nada mais é do que o resultado da interpretação dos santos Padres, ou, mais precisamente, da reflexão que eles fizeram sobre os dados revelados. Já na obra intitulada, *Praedestinatione*, Escoto Erígena mostra que o papel da *Ratio* (razão) é insubstituível.

João Escoto Erígena sentiu a necessidade de recorrer à razão para esclarecer algumas controvérsias e teses com as quais se contrapunha na época. Após ter abolido qualquer distinção entre filosofia e religião, chegou a afirmar no contexto religioso que ninguém pode entrar no céu a não ser passando pela filosofia. Em suas palavras: a verdadeira Filosofia outra coisa não é do que a religião e, inversamente, a verdadeira religião, outra coisa não é do que verdadeira filosofia.

A necessidade do conhecimento

Ao ser mostrado que existe uma “revelação” contida nas *Escrituras*, é necessário se dar uma aceitação deste fato. Esta aceitação é realizada mediante a fé, pela qual aceitamos tudo que está na Escritura: “a nossa salvação começa com a fé”, ou seja, só podemos falar de Deus o que ele mesmo diz de Si nas *Escrituras*. Após a aceitação, todo conhecimento deve começar por um ato de fé.

Escoto Erígena não deixa a menor dúvida que todo conhecimento deve ser arrancado da Sagrada *Escritura*; o estudo da verdade pressupõe um ato de fé. E a fé é o princípio para a inteligência, ou seja, quem busca a verdade deve primeiro crer, ter fé. Pela fé adquirimos o objetivo da inteligência, antes da própria inteligência (exemplo: “João e Pedro correram ao túmulo de Cristo. Ora, Pedro faz às vezes da fé e, João, o da razão. O túmulo é a Escritura. Os dois acabam entrando, mas Pedro entra antes que João. Façamos nós o mesmo: primeiro creiamos, para depois compreendermos”).

Nosso autor utiliza de uma reflexão já presente em João Crisóstomo: mesmo que o homem seja criação de Deus e possua, por si mesmo, um estado de pecado, deduz-se que foi dada por Deus a Escritura Sagrada para que fosse guiado o homem, por aquilo que foi impresso em seu coração quando ele foi criado “à imagem e semelhança de Deus”. Assim como a fé precede o conhecimento, assim o conhecimento deve sobreviver à fé. Pois esta é apenas o princípio do conhecimento de Deus.

A razão tem o dever de descobrir o significado que se oculta sob as palavras da *Escritura*. Contudo, deve-se cuidar para não mal interpretá-la, pois podem levar leitores que conduzam a concepções absurdas; por isso tais interpretações devem ser examinadas pela razão. Para se interpretar o sentido oculto da Sagrada Escritura é

necessário um exercício interior e particular, no qual a razão se abre ao caminho seguro rumo à verdade. Para se chegar a esta profundidade é necessário avançar simultaneamente na conversão do coração e na análise espiritual da página bíblica. E graças à constante purificação dos olhos, do coração, e dos “olhos” da mente, pode-se conceber a compreensão exata.

A razão possui já um saber purificado da revelação e por isso se encaminha para a compreensão perfeita de todas as coisas. Os antigos gregos davam o nome de “filosofia” para este conhecimento perfeito. E daí é que vem a coincidência da filosofia com a verdadeira religião.

Ideias como criação de Deus

A teoria das ideias é bem comum com a dos filósofos de todos os tempos. As ideias são coisas criadas que se encontram nas suas essências. As ideias são coeternas com Deus, visto que foram feitas em Deus e por Deus. No entanto, o termo coeterno reclama uma determinação mais precisa. As ideias são coeternas com Deus no sentido de não serem temporalmente posteriores a ele. Enquanto criaturas dependem, porém, de Deus como de sua causa e não podem, portanto, ser eternas no sentido estrito, dado que a eternidade em tal sentido só compete ao ser absolutamente incausado. Por conseguinte, ao dizermos que são coeternas com Deus, só lhe negamos a existência temporal, mas não a sua dependência de Deus. Erígena chama as Ideias em Deus de pré-formadas. O fato, contudo, de elas estarem em Deus levanta uma questão: como podem as ideias se encontrar em Deus, apesar de elas serem criadas? Quando ele fala que elas são negadas (do ponto de vista temporal) ele busca negar através disso toda identidade entre as ideias e a essência divina. Para responder essa questão Erígena explica que Deus produz as coisas na intenção de se manifestar, de se revelar a Si mesmo. Ao se manifestar ele conhece a si mesmo, ele se cria. Antes desse ato, Deus não conhecia nenhuma determinação de Si por infinito. É por produzir ideias que ele toma conhecimento de algumas determinações de sua natureza supraessencial.

Conclusão

Com isso, se quer dizer somente que Deus se apresenta, por meio das ideias, como uma natureza criada e criadora. Por essas noções tão complexas e ousadas, Escoto Erígena foi acusado de heresia, principalmente na obra *De Praedestinatione*, onde afirma como não devendo ser opostas a fé e a razão; ou, ainda que isso ocorresse, que a razão devia prevalecer sobre a fé. É importante ressaltar que com isso ele deixou um importante legado à filosofia e à teologia, já que sua obra continua sendo lida por teólogos e filósofos.

Em seu pensamento teológico, João Escoto Erígena quis mostrar de forma bastante clara a tentativa de explicar o explicável e distinguir disso o não-explicável de

Deus, baseando-se unicamente na Sagrada Escritura. A metáfora por ele utilizada para demonstrar a realidade inefável apresenta nossa incapacidade perante os termos utilizados para especificar essas coisas. João Escoto Erígena acreditava que podíamos atribuir qualidades a Deus (como por exemplo: “Deus é amor”, etc.), mas ele mostra que ao ser-Lhe atribuído qualidades, que nós estaremos com isso mostrando a delimitação do entendimento humano, sendo que Deus está muito para além da razão humana.

Vale a pena observar que Erígena, ao negar a existência da condenação eterna e afirmar que todos os seres humanos um dia serão purificados, que desse modo estaria vencendo o pecado de um mundo do qual Cristo foi o principal resgatador por intermédio do sacrifício. Portanto, acreditar na condenação eterna seria acreditar na vitória do pecado.

Referências

CONCEIÇÃO, G. H. “A filosofia medieval e problema de Deus”. In: CARDOSO NETO, L.; KAHLMEYER-MERTENS, R. S. (Org.). *A filosofia em curso*. Porto Alegre: Evangraf, 2015.

GILSON, E.; BOEHNER, P. *História da filosofia cristã*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

_____. *A filosofia na Idade Média*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins

Fontes, 1995.

_____. *O espírito da filosofia medieval*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. *Deus e a filosofia*. Trad. Aída Macedo. Lisboa: Edições 70, 2002.

GOTTLIEB, A. *Sonho da razão: uma história da filosofia da Grécia ao Renascimento*. Trad. Pedro Jorgensen Jr. São Paulo: Bertrand Brasil, 2007.

MONTAIGNE, M. *Os ensaios*. Trad. Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

PADOVANI, U.; CASTAGNOLA, L. *História da filosofia*. São Paulo: Melhoramentos, 1977.

Submissão: 26.04.2017 / Aceite: 16.05.2017